

Saber com sabor

Luiz Moreno Guimarães Reino

Resenha de Marion Minerbo, *A posteriori, um percurso*, São Paulo, Blucher, 2020, 320 p.

O livro *A posteriori, um percurso*, de Marion Minerbo, faz parte da coleção *Série escrita psicanalítica*, organizada por Marina Massi. A ideia dessa série é reunir e consolidar a produção psicanalítica de autores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. O que vem bem a calhar, já que o pensamento clínico da SBPSP ainda resta por ser descoberto.

Para a composição do livro, Marion selecionou textos que percorrem um período que vai de 1997 até 2019; deixou de lado os escritos feitos sob encomenda, e incluiu apenas os feitos sob encomenda do desejo. “A partir do meu desejo”, disse a autora no evento de lançamento, “não quer dizer só os textos que gostei de escrever, mas principalmente os escritos a partir de uma pulsação interna, de uma necessidade, de uma premência, que me impôs este caminho e não outro”. Os fragmentos que seguem, e que talvez formem uma resenha, visam auxiliar o leitor a reconhecer a pulsação interna desse percurso.

1 I. Melsohn, *Psicanálise em nova chave*. São Paulo, Perspectiva, 2001, p. 176.

2 Neste fragmento retomo um trecho do prefácio que escrevi para o livro.

Luiz Moreno Guimarães Reino é doutor pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Membro filiado do Instituto Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

O título

Há um sutil pleonasmo no título *A posteriori, um percurso*. Afinal, percurso é aquilo que a gente só sabe quando é tarde demais. É claro que há esses percursos que a gente traça para o futuro, projetando uma trajetória, estabelecendo um plano; mas para esses lembro uma fala de Woody Allen: “if you want to make God laugh, tell him about your plans”, ou outra de Rubem Alves: “eu me tornei o que tornei porque meus planos deram errado”.

O percurso singular – seja qual for: intelectual, de uma vida – só se mostra em um *olhar para trás*, numa “retro-spectiva”¹. Ele não pode ser reconhecido num ponto isolado, mas numa sequência; e forma uma unidade fluida, como um rio subterrâneo, a percorrer as mais distintas criações e a irrigá-las também.

As partes

O livro tem quatro partes². A primeira (*Perdendo a ingenuidade*) apresenta diversas maneiras de uma psicanalista interpretar o mesmo sintoma individual, a compulsão a comprar; a presença desse espectro acaba por abalar a crença do que é ser psicanalista. Uma microcrise de identidade antecede o surgimento de novas autorrepresentações.

A segunda parte (*Ampliando os horizontes da clínica*) explode a clínica padrão: vamos à rua acompanhar o tratamento de adolescentes em instituições, grupos na escola ou num passeio pelo parque. Aqui também vemos a analista encontrar seus pares: equipes, colegas, cachorros. O convite é habituar-se ao método da psicanálise e tentar chegar lá onde o paciente está.

A terceira parte (*Interpretando fenômenos socioculturais*) contém estudos acerca de nossa época. A autora inclina-se sobre a violência no corpo e na linguagem, sobre a lógica da corrupção e sobre as equações da psique social (*reality show + video games = reality games*). Lúcido embora, o retrato não é otimista.

A quarta parte (*Textos de maturidade*) são contribuições metapsicológicas próximas da clínica. Nelas há a presença do plural: as *depressões* (sem tristeza, com tristeza, e melancólica), os *retornos* (do recalçado, do clivado).

Vale destacar que o texto *Sobre o supereu cruel*, que se encontra nessa última parte, se tornou uma referência recorrente entre os colegas de formação. Também pudera, é um trabalho que traz uma formulação metapsicológica realmente nova, e que talvez por isso tenha sido premiado. A pergunta disparadora do texto é simples: por que o supereu tem tanto ódio do eu? Apresenta-se então uma investigação que acaba por encontrar a face oposta da idealização do bebê, isto é, depara com os movimentos filicidas inconscientes dos pais. De tal forma que a autora propõe: a origem da crueldade do supereu pode ser rastreada nos microvotos de morte dos pais, na outra face do *His majesty the baby*.

As variações de temas que o leitor encontra neste livro tendem invariavelmente à extensão do horizonte da psicanálise. É notável como a autora aborda fenômenos cada vez mais amplos: um sintoma individual e as múltiplas formas de interpretá-lo, a quebra da clínica padrão em direção ao trabalho com os pares, a análise de configurações sociais contemporâneas... Tal trajeto remete ao princípio de investigação freudiano: “Eu me preocupo com o fato isolado e espero que dele jorre o universal”³. A própria metapsicologia, ao final dessa sequência, aparece como ponto de chegada (e não de partida) do olhar clínico.

Sabor de psicanálise

“O trabalho do cozinheiro”, afirmou Roland Barthes, “é deixar o tomate com sabor de tomate”⁴. Agora, com tomate podemos fazer várias coisas: usar na salada, no molho do macarrão, fazer tomate assado, etc. É o mesmo tomate, mas são tomates diferentes; o importante é que fique com sabor de tomate.

E não estaríamos nos perguntando: como deixar a psicanálise com sabor de psicanálise? Com a qual também podemos fazer várias coisas:

analisar um sintoma (Parte 1), romper a clínica padrão (Parte 2), investigar configurações sociais (Parte 3), alterar a metapsicologia (Parte 4). É a mesma psicanálise, mas são psicanálises diferentes; o importante é que fique com sabor de psicanálise.

Às vezes ouço: – Eu gosto dos textos da Marion porque são claros. Sim, é verdade, mas tem algo mais nessa clareza, tem o saber com sabor.

Desimpossível

No prefácio de *Estratégias de investigação em Psicanálise*, Fabio Herrmann escreveu que a autora conseguiu realizar algo impossível simplesmente por ignorar que era impossível, como o besouro que “só voa por não haver lido os tratados de aerodinâmica”⁵. Há qualquer coisa também assim em *A posteriori, um percurso*.

Nele se encontram conjugadas duas vertentes antagonicas: uma teoria da psique e outra do método. Essas duas, em geral, andam separadas: quem assume uma teoria do funcionamento psíquico prescindir de uma teoria relativa ao método, e quem assume uma teoria metodológica deixa de lado a descrição do psíquico.

Na *Introdução*, a autora escreve que, dos muitos autores que a acompanharam nesse longo percurso, dois merecem destaque: Fabio Herrmann e René Roussillon. De certo modo, cada um deles é representante de uma dessas vertentes: Fabio Herrmann (teoria do método) e René Roussillon (teoria da psique). No entanto, a forma como a autora articula essas duas linhas é algo inteiramente dela e, ao meu ver, liga-se à pulsação interna desse percurso. Pois a rigor é impossível juntá-las, seria como conjugar o revelado (a teoria psicanalítica da cena primária, por exemplo) com o revelar (a cena primária da teoria psicanalítica). Mas, enfim, o besouro insiste em voar...

3 S. Freud; L. Andreas-Salomé, *Correspondance avec Sigmund Freud*. Paris, Gallimard, 1966, p. 72.

4 R. Barthes, *Aula*. São Paulo, Cultrix, 1978, p. 19.

5 F. Herrmann, “O besouro e o método”, in M. Minerbo, *Estratégias de investigação em psicanálise: desconstrução e reconstrução do conhecimento*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000, p. 10.